

Leonardo Bruni, *Cicero Novus* 4-14

Adriano Scatolin
Universidade de São Paulo (USP)
adrscatolin@usp.br

RESUMO: Apresenta-se a tradução anotada de *Cicero Novus* 4-14, de Leonardo Bruni, acompanhada de nota introdutória que explicita as principais mudanças feitas pelo autor em relação à *Vida de Cícero* de Plutarco, modelo da biografia bruniana.

Palavras-chave: Leonardo Bruni; Plutarco; Cícero; *Cicero Novus*.

Leonardo Bruni, *Cicero Novus* 4-14

ABSTRACT: This paper presents the annotated translation of Leonardo Bruni's *Cicero Novus* 4-14. The translation is preceded by an introductory note that describes the main changes the author made to Plutarch's narrative in his *Life of Cicero*, Bruni's model for his biography.

Keywords: Leonardo Bruni; Plutarch; Cicero; *Cicero Novus*.

Nota introdutória

Em 1415, o humanista aretino Leonardo Bruni (c. 1370–1444) publica o seu *Cícero Novo*, biografia de Cícero em que buscava reescrever e emular a *Vida de Cícero*, de Plutarco, do ponto de vista da invenção e da disposição.¹ A estrutura da *vita* bruniana é bastante simples: depois de uma carta a Niccolò Niccoli que serve de prólogo à obra (C.N. 1–3), a narrativa cronológica da vida de Cícero segue sem interrupções de C.N. 4 a 52, num recorte que vai do nascimento de Cícero à ditadura de César; em C.N. 53–72, temos uma pausa na narrativa, com duas seções temáticas: C.N. 53–63, dedicada à obra de Cícero, e C.N. 64–72, que aborda o seu caráter e questões associadas à sua família; em C.N. 73–84, por fim, a narrativa é retomada com os Idos de Março e a descrição da luta de Cícero contra Marco Antônio que se seguiu à morte de César, até a ascensão de Otaviano, a formação de sua aliança com Antônio e Lépido, as proscricções e a execução de Cícero.

Neste trabalho, apresentamos a tradução anotada do trecho inicial da narrativa bruniana (C.N. 4–14), passo correspondente a Plut. *Cic.* 1–9 e cujo recorte temporal vai do nascimento de Cícero, em 106, ao exercício da pretura, em 66. Este segmento inicial do *Cícero Novo* é particularmente adequado para o estudo das mudanças operadas por Bruni na narrativa plutarquiana, porque é sobretudo neste trecho que o Aretino segue o modelo mais de perto.² Assim, como nota introdutória à tradução, elencamos os principais cortes e acréscimos feitos pelo autor à matéria do relato de Plutarco, procurando, ao mesmo tempo, estabelecer os critérios que o teriam levado a operar tais mudanças.³ O resultado, como veremos, é uma narrativa mais fluente, desprovida de digressões, cronologicamente mais clara e coesa, e que substitui o viés moral plutarquiano por um viés político, republicano e de caráter laudatório.⁴

¹ Cf. C.N. 3.1: *Nos igitur et Plutarcho et eius interpretatione omissis, ex iis que vel apud nostros vel apud Grecos de Cicerone scripta legeramus, ab alio exorsi principio vitam et mores et res gestas eius maturiore digestionem et pleniore notitia, non ut interpretes sed pro nostro arbitrio voluntateque, descripsimus.* [Nós, então, deixamos de lado tanto Plutarco como a sua tradução e baseamo-nos na leitura do que nossos autores ou os gregos escreveram sobre Cícero; partindo de outro princípio, com uma ordenação mais desenvolvida e um conhecimento mais pleno, descrevemos sua vida, seus costumes, seus feitos, não como tradutores, mas segundo nosso arbítrio e vontade.”] A tradução a que Bruni se refere é a de Iacopo Angeli, a primeira em latim da *Vida de Cícero* plutarquiana (1401), que o Aretino procurará superar do ponto de vista da elocução.

² No tratamento do consulado de Cícero, por exemplo, Bruni fará amplo uso de Salústio e de Cícero; no do proconsulado e da Guerra Civil, apoiar-se-á fortemente na correspondência ciceroniana; no pós-Idos de Março, utilizará as cartas de Cícero da época e, sobretudo, as suas *Filípicas*.

³ Na carta-prólogo (C.N. 3.2), Bruni afirma poder justificar cada acréscimo feito à narrativa plutarquiana: *Est autem nihil a nobis temere in historia positum, sed ita ut de singulis rationem reddere et certa probatione asserere valeamus.* [Não acrescentamos nenhum elemento inconsiderado a nossa história, sendo capazes de justificar e sustentar cada um deles segundo um critério preciso”].

⁴ Cf. a síntese da mudança de foco de Bruni em Ianziti (2012, p. 60).

1. As mudanças do *Cícero Novo* em relação à *Vida de Cícero* plutarquiana

1.1 Cortes e omissões

Em C.N. 4-14, Leonardo Bruni realiza dois tipos de corte na matéria que seleciona da narrativa de Plutarco. O primeiro é o que podemos chamar de **omissão estrutural**: Bruni elimina de seu relato um grande número de detalhes que parece considerar digressivos ou anedóticos, irrelevantes, portanto, para o andamento e a fluência de sua narrativa. Esse tipo de corte pode ser total ou parcial: por vezes, Bruni seleciona um ou outro ponto que considera essencial de uma caracterização, descartando os detalhes restantes.

Em C.N. 5.6, Bruni elimina a caracterização que Plutarco faz do filósofo Fílon de Larissa em *Cic.* 3.1 (“aquele cuja eloquência os Romanos mais admiravam e cujo carácter mais prezavam”),⁵ substituindo-a por uma explicação circunstancial (“que então vivia em Roma”), que contribui para a clareza da narrativa. De fato, não seria evidente, para o leitor contemporâneo de Bruni (como talvez o fosse para o de Plutarco), que Fílon se havia transferido de Atenas para Roma, o que permitiria a Cícero acompanhar suas lições. Na mesma linha, em C.N. 7.4, Bruni suprime todos os detalhes de *Cic.* 4.2 sobre a doutrina de Antíoco de Ascalão, contentando-se com os comentários mais gerais de 4.1, e, em C.N. 10.5, suprime a anedota sobre o ator Esopo referida em *Cic.* 5.5, que servia apenas para ilustrar o aspecto patético de sua atuação no teatro trágico romano, atendo-se à informação mais concreta de que Cícero estudara o ator para corrigir sua voz (e, acrescenta a Plutarco, sua gesticulação).

O Aretino também elimina de sua narrativa comentários sobre o teor e o contexto dos discursos de Cícero. Assim, corta *Cic.* 3.4-5, que contextualiza a *Defesa de Róscio*, e o longo trecho que vai de *Cic.* 7.3 a 8.5, que versa sobre o caso Verres.⁶ De maneira geral, comentários mais detalhados sobre as obras de Cícero ficam restritos, no *Cícero Novo*, a uma seção *per speciem* exclusivamente dedicada à catalogação e caracterização dos escritos ciceronianos, C.N. 53-63, dos quais os capítulos 57 e 60-63 são dedicados à oratória.⁷ Todos os discursos mencionados

⁵ Todas as traduções da *Vida de Cícero* de Plutarco são tomadas a Várzeas (2012).

⁶ Observe-se, de passagem, que um dos gracejos feitos durante a causa de Verres, citado por Plutarco em *Cic.* 7.8, é transposto para C.N. 65.5, passo em que Bruni trata da causticidade de algumas réplicas de Cícero.

⁷ O capítulo 57 consiste num catálogo dos discursos, ao passo que em 60-63 temos a valoração da oratória ciceroniana, seguida de comentários a alguns discursos específicos e observações sobre a postura de Cícero como orador.

na porção narrativa da biografia servem para ilustrar algum momento da carreira do Arpinate ou fazem parte integrante dos acontecimentos ali narrados.⁸

Por fim, no relato da questura de Cícero (C.N. 11–12), Bruni suprime a notícia de que o Arpinate defendera com sucesso, em tribunal, jovens nobres romanos (Cic. 6.2), e descarta quase todo o capítulo 9 da biografia plutarquiiana, dedicado à pretura de Cícero, dele retendo, em C.N. 14.5–6, apenas sua caracterização da vitória eleitoral sobre concorrentes importantes e da atividade do Arpinate como presidente de tribunal, correspondente a Cic. 9.1, e suprimindo todo o restante, que consiste em anedotas que ilustram tal caracterização. É de notar que tais anedotas, tanto a da questura como as da pretura, são muito favoráveis e elogiosas a Cícero, o que nos leva à conclusão de que, em sua pesagem dos prós e contras para a seleção da matéria, Bruni teria considerado que, a despeito da imagem positiva que projetavam da atividade política de Cícero, o que estaria em acordo com seu viés republicano e laudatório (ver abaixo), elas acabariam por atravancar o andamento da narrativa.

Ao lado da omissão estrutural está um segundo tipo de corte, a **omissão por viés**, ou seja, o corte de praticamente todo elemento que fira os critérios fulcrais adotados por Bruni em sua caracterização de Cícero, dos quais o principal, e mais evidente, é o **viés laudatório** da obra. Com isso, são suprimidas não apenas as críticas sistemáticas que Plutarco faz ao caráter de Cícero, como sua busca excessiva da glória, por exemplo, ou o uso desmesurado do humor,⁹ como também elementos negativos pontuais e incidentais. Em Cic. 1.2, Plutarco apresenta duas versões sobre as origens do pai de Cícero, embora não se decida sobre elas nem lhes dê grande crédito:¹⁰ segundo o que dizem alguns, teria nascido e sido criado na oficina de um pisoeiro, ou seja, teria uma origem baixa e absolutamente humilhante; segundo outros, suas origens remeteriam a Túlio Átio, rei dos volscos. Em C.N. 4.1–2, Bruni não apenas suprime, como seria de prever, a menção à origem humilde, restringindo-se à versão prestigiosa da

⁸ Cf. C.N. 6.2 (a *Defesa de Róscio* é mencionada para ilustrar a entrada de Cícero na carreira oratória); 17.4 (o segundo discurso *Sobre a lei agrária* exemplifica a atuação política de Cícero no início de seu consulado); 22.3 (a primeira *Catilinária* é proferida por Cícero para denunciar ao Senado a conjuração de Catilina); 26.3 e 27.1 (menção à quarta *Catilinária*, discurso em que Cícero consulta o Senado sobre o que fazer aos conspiradores capturados com provas comprometedoras); 38.2 (Bruni cita a *Defesa de Milão* para dar textura à figura de Tito Ânio Milão, mencionado por sua atuação decisiva para o retorno de Cícero do exílio); 52.2 (os discursos cesarianos exemplificam a atividade de Cícero durante a ditadura de César). Para considerações gerais sobre o uso dos discursos ciceronianos por Bruni, cf. Fryde (1983, p. 42–43).

⁹ Cf. Plut. Cic. 5.6; 6.5; 19.7; 24.1–4; 24.9; 25.1; 27.1; 28.1; 32.5; 35.3; 36.6; 38.2; 41.1; 45.1, 6; 46.1; *Comp.* 1.4, 6; 2; Ianziti (2012, p. 53–54, 58); Lintott (2013, p. 10–11).

¹⁰ Cf. Cic. 1.1: Já a respeito do pai não existem informações seguras.”

linhagem real, como também eliminará qualquer espécie de dúvida sobre sua credibilidade, como constava em Plutarco.¹¹

De *Cic.* 1.3–6, passo em que Plutarco liga o nome “Cícero”, etimologicamente, ao latim *cicer*, “grão-de-bico”, Bruni retém apenas a etimologia, reconfigurando completamente o teor da passagem (*C.N.* 4.3): de um lado, explica que o primeiro ancestral a receber tal cognome teria uma protuberância no nariz que lembrava o grão-de-bico, enquanto Plutarco fala de uma fenda; de outro, elimina a menção da etimologia como motivo de chacota (*Cic.* 1.3), por suas evidentes associações negativas, e os dois gracejos de Cícero a respeito (*Cic.* 1.5–6). Ora, além de seu caráter anedótico, parece haver um outro motivo para sua supressão: uma das críticas centrais de Plutarco ao caráter de Cícero, como adiantado acima, é o seu uso excessivo e desmesurado do humor. Bruni não apenas elimina boa parte dos gracejos citados por Plutarco ao longo de sua biografia, como também consagra uma seção inteira de seu *Cícero Novo* à apologia do uso do humor pelo Arpinate (*C.N.* 66–67). É nessa mesma linha que suprimirá os comentários sarcásticos de Cícero, em *Cic.* 5.6, acerca dos oradores que apelavam para os gritos em seus discursos, juntamente, é claro, com as pesadas críticas de Plutarco ao seu caráter. Outra crítica central de Plutarco a Cícero é o amor excessivo das honras. Na anedota da volta da Sicília após o término da questura, episódio cômico em que o jovem Arpinate, sequioso de reconhecimento e de glória, desiludira-se, ao tornar à Itália, com a total ignorância, por parte dos romanos, de suas ações e medidas na província, Plutarco usa o caso como exemplo de sua crítica à φιλοτιμία (*philotimía*) ciceroniana (*Cic.* 6.3–5). Bruni, em seu viés pró-Cícero, eliminará qualquer traço de crítica do episódio, substituindo-o por uma leitura política inteiramente alinhada e conforme ao pensamento de Cícero (*C.N.* 12).

Um caso curioso é o de *Cic.* 2.4–5. No passo, Plutarco menciona e exemplifica a inteligência e o talento precoces de Cícero, o que o teria feito ganhar a reputação não apenas de melhor orador, mas também de melhor poeta dentre os romanos. Ao fazê-lo, porém, o biógrafo vê-se obrigado a relativizar tal talento poético, que teria sido ofuscado por poetas posteriores e caído, então, no esquecimento. Em contrapartida, Bruni, em *C.N.* 5.3–4, prefere omitir o louvor poético juvenil do Arpinate a ter de rebaixá-lo em seguida. Em sua versão, o Aretino menciona, em termos genéricos, a reputação e o interesse de Cícero pela poesia quando menino, para em seguida dizer que tal interesse foi substituído, posteriormente, pela prosa, mais adequada à sua natureza.

¹¹ Em *Ep.* 4.7 (p. 115–116 da edição de Mehus, que seguimos para todas as referências à correspondência de Bruni), carta em que se defende das críticas que sofreu por atribuir origens reais a Cícero, Bruni cita Plutarco como uma das autoridades para tal informação, mas omite sua descrença em relação à credibilidade da notícia. Cf. Fryde (1983, p. 44) e Ianziti (2012, p. 46–47).

A omissão de elementos negativos menores, pontuais, ocorre em C.N. 11, que trata da questura de Cícero: Bruni elimina a informação de que as medidas de Cícero, na Sicília, para providenciar cereais e sanar a penúria em Roma teriam sido, num primeiro momento, impopulares junto aos provincianos (*Cic.* 6.1).

1.2 Acréscimos e inserções pontuais

Do ponto de vista **estrutural**, Bruni insere, em C.N. 14.5, uma brevíssima menção à edilidade de Cícero, que em Plutarco é mencionada *en passant*, em *Cic.* 8.2, num passo não narrativo, para imediatamente prosseguir com a descrição da pretura.¹² Se do ponto de vista informativo pouco se acrescenta à versão plutarquiiana, o acréscimo serve para deixar clara para o leitor a cronologia das etapas do *cursus honorum* percorridas pelo Arpinate, um pouco dispersa no autor grego.

Outro tipo de acréscimo diz respeito à **precisão factual e histórica**. Não se contentando com a autoridade de Plutarco, Bruni muitas vezes vai buscar em outras fontes antigas informações mais precisas para suprir sua narrativa.¹³ Assim, em C.N. 4.4, ao mencionar a data de nascimento de Cícero, Bruni não apenas substitui o sistema de contagem grego dos dias do mês pelo romano, como também vai buscar em Aulo Gélio os nomes dos cônsules de 106, ausentes em Plutarco, que, de maneira mais vaga, descreve o dia 3 de janeiro como “aquele em que actualmente os magistrados fazem preces e sacrifícios pelo imperador” (*Cic.* 2.1). A versão de Bruni é mais precisa, direta e acessível do que a de Plutarco.

Já vimos, na descrição da anedota da volta da Sicília, como Bruni eliminou toda a lição moral negativa que Plutarco extraía do episódio. Mas a reescrita do passo envolve também o acréscimo de outros elementos, que o Aretino vai buscar diretamente à principal fonte ciceroniana da anedota, a *Defesa de Plânicio*, que parafraseia. Com isso, não apenas a descrição da situação vivida por Cícero é muito mais precisa do que a da versão plutarquiiana, como também a lição extraída do episódio é exatamente aquela mencionada pelo Arpinate.¹⁴

Se Bruni faz supressões e cortes motivados por seus diferentes vieses, como pudemos observar na seção anterior, o mesmo se pode dizer de alguns de seus acréscimos e alterações. Uma mudança bastante sutil é a que faz no relato da anedota da visão da ama. Plutarco, em *Cic.* 2.1, narra que a ama de Cícero teria tido uma visão em que lhe era anunciado que ele seria “de grande utilidade para

¹² *Edilis inde factus, et mox post edilitatem preturam petens, omnium competitorum — et erant quidem multi ac magni viri — primus suffragiis populi romani pretor creatus est* [Foi eleito edil em seguida; pleiteando a pretura logo depois da edilidade, venceu a eleição para pretor em primeiro lugar na soma dos votos do Povo Romano, superando todos os seus concorrentes — e eram muitos e importantes, por sinal.”]

¹³ Cf. Fryde (1983, p. 41).

¹⁴ Cf. Fryde (1983, p. 42–43) e Ianziti (2012, p. 54–55).

todos os romanos”. No anúncio da versão bruniana, em contrapartida (C.N. 4.5), Cícero seria “a grande salvação da República”. Ora, o **viés republicano** de Bruni permeia todo o *Cícero Novo*, e Cícero, em sua narrativa, será aclamado como “pai da pátria” e salvador da República, depois de debelar a conjuração de Catilina, bem como será apresentado como o último bastião da República e da liberdade, em sua luta contra Marco Antônio, depois dos Idos de Março.¹⁵ A mudança no episódio da visão da ama, assim, é cirúrgica, servindo para prenunciar tal papel, à diferença da versão de Plutarco, que é mais genérica.

O viés republicano explica, ainda, uma outra inserção de Bruni, desta vez no relato da participação de Cícero na Guerra Social. Em Plutarco (*Cic.* 3.2-3), depois de tomar parte na guerra em campanha contra os marsos, sob o comando de Sula, Cícero se teria voltado para a vida de estudos e de contemplação até o momento em que Sula tomou o poder – ou seja, teria passado o período aproximado de 89 a 82, entre o fim da Guerra Social e a Guerra Civil, em retiro de estudos, o que só teria terminado com a vitória de Sula e a consolidação de seu poder. Em Bruni, em contrapartida (C.N. 6.1), a adesão temporária à vida contemplativa é substituída por uma espécie de protesto silencioso de Cícero: este teria permanecido mais tempo em armas, não tivesse já então previsto a subversão da ordem pública e o domínio de Sula. Além de eliminar qualquer menção à vida de estudos, Bruni também omite, crucialmente, a retomada da normalidade com a ditadura sulana. O motivo, claro está, é o viés republicano de sua biografia, de que o Arpinate é o porta-voz: sem se apoiar em qualquer fonte antiga para tal, Bruni antecipa o Cícero defensor da República dos tempos da Conjuração de Catilina e do pós-Idos de Marco para os tempos de juventude, conferindo maior coesão ao personagem.

Por fim, um acréscimo pontual que também contribui, a exemplo dos dois últimos, para conferir maior coesão ao personagem Cícero, vê-se no episódio do sucesso do Arpinate entre seus colegas de estudos, quando menino. Na versão de Plutarco (*Cic.* 2.2), são os pais mais incultos que se incomodam com o sucesso de Cícero e com a atenção que seus filhos lhe conferiam. Em C.N. 5.1-2, por outro lado, Bruni acresce não apenas que se tratava de membros da nobreza que se incomodavam com o tratamento dado por seus filhos a Cícero (na versão bruniana, eles carregam Cícero pelas ruas), como também que os castigavam por isso. Com tal acréscimo, Bruni antecipa um motivo tomado a Salústio que desenvolverá mais adiante na narração,¹⁶ a inveja da aristocracia romana contra o homem novo Cícero, fonte de grande parte de seus males.

¹⁵ Cf. C.N. 15.5-6; 17.1; 19.4; 26.1; 28.1, 3; 30.2; 52.3; 53.4; 72.1; 74.1; 76.1-2; 77.

¹⁶ Cf. C.N. 29.1; 41.1; 64.2.

2. A tradução

Para a tradução, servimo-nos do texto estabelecido por Viti (2013) para a editora UTET,¹⁷ aqui reproduzido. Seguimos a numeração dos parágrafos da edição de Bernard-Pradelle (2008), à qual acrescentamos subdivisões, para facilitar as citações e referências. Todas as datas mencionadas na introdução e nas notas são a.C., salvo observação em contrário. As abreviaturas das obras antigas seguem as convenções do *Oxford Latin Dictionary* e do *Greek-English Lexicon*, de Liddell & Scott; as das obras de referência modernas são discriminadas na bibliografia. Todas as traduções citadas nas notas são de nossa própria autoria, à exceção das citações da *Vida de Cícero* plutarquiana, tomadas à excelente tradução de Várzeas (2012). Todas as referências às cartas de Bruni são tomadas à edição de Mehus (1741).

2.1 Texto latino

Cicero Novus

Vita Ciceronis

132

4. [1] *Tulliorum familia, que et Ciceronis postea cognomentum recepit, ex municipio arpinati originem traxit: principium vero generis in Tullium Volscorum regem satis constanti opinione hominum referebat.* [2] *Sed quamquam a regibus orta, tamen, ut res mortalium fluxe ac labiles sunt, procedente tempore claritate nominis extincta, ignobilitatem adusque consenuisse videtur. Non tamen adeo demersa, quin et Rome supra vulgus emergeret ac equestrem locum, qui medius inter patres et plebem habebatur, obtineret.* [3] *Qui primus ex ea familia Cicero cognominatus est, in extrema nasi parte eminens quiddam in figuram ciceris habuit, a quo sibi cognomen inditum, ac per eum in posteros gentilesque transfusum.* [4] *Ex hac itaque familia Cicero orator natus est patre Tullio, matre Olbia, que et ipsa honestis parentibus orta memoratur. Natum illum ferunt III nonas ianuaras Q. Cepione et Serrano consulibus.* [5] *Nec multo post nutrici eius phantasma visum dixisse magnam rei publice salutem ab illa nutriri. Hec autem ab initio sprete et pro nugis habita, ipse mox vera fuisse oracula ostendit.*

5. [1] *Nam ut primum discendi per etatem capax fuit, extemplo magnitudine indolis inter equales excellens, tantam ingenii famam consecutus est, ut plerique graves viri rumore puerorum conciti ludum adusque proficiscerentur ad eum Ciceronem, de quo tam multa audiverant, intuendum.* [2] *Pueri autem ipsi tanto in honore illum habebant, ut constet quosdam ex nobilitate romana a parentibus rusticioribus obiurgatos, quod honoris causa medium per vias traducerent.*

¹⁷ A primeira edição é de 1996.

[3] *Prima eius commendatio circa poeticam eluxit: nam et puer adhuc libellos quosdam versibus edidit, et fuit eius studium prima etate ad carmen poetasque ardentius. [4] Crescentibus mox annis solutam orationem, utpote amplioem et disertioem et nature sue magis consentaneam, adamavit: preceptaque dicendi avidissime prosecutus est. [5] Sed et ceteris litterarum studiis ita inhesit, ut nihil pretermitteret, quod ad institutionem summi futuri viri pertinere videretur. [6] Puerilibus studiis peractis, philosophie et iuri civili operam dedit. Et in philosophia quidem Philonem academicum Clitarchi discipulum tunc Rome commorantem preceptorem habuit; in iure autem civili a Mutio Scevola iurisconsulto viro prestantissimo institutus est.*

6. [1] *Post hec sub Sylla duce marsico bello militavit, perseverassetque in armis diutius, nisi eversionem rei publice et Sylle dominatum iam inde prospiciens improbasset. [2] Finita igitur militia et in urbem reversus exitum rerum quietus expectabat: donec Sylla iam rerum potito Sex. Roscium parricidii reum et ab ipso Sylla vehementer oppugnatum in iudicio defendit. [3] Hanc primam causam publici iudicii egisse ferunt tres et viginti annos natum, ut Cornelius Nepos tradit; ut autem alii quidam scripserunt, septem et viginti: cum tamen annum ante causam privatam pro Quintio apud Gallum Aquilium iudicem dixisset. [4] Ego Cornelio Nepoti, utpote coetaneo et in primis familiari et cum diligentia hominem observanti, magis crediderim.*

7. [1] *Metuens inde Syllam, quem in Rosciana defensione offendisse cognoverat, in Greciam abiit, dissimulata causa velut curande valitudinis gratia proficisceretur. [2] Res opportuna videbatur, quod gracilis et valitudinarius erat ob stomachi debilitatem nonnisi levia quedam cibariola et ea sero tandem admittentis. [3] Ut igitur Athenas pervenit, pedotribis et gymnasiorum magistris se tradens corpus ad robur valitudinemque redegit: vocem etiam, que sibi prius asperior fuerat, ad dulcedinem ornatumque emendavit. [4] Ibi studiis ardentius incumbens Antiochum ascalonitem audivit, eius in dicendo copia suavitateque illectus: nam ea, que philosophus innovare instituerat, haudquaquam probabat. Iam enim Antiochus, deserta academia, Stoicorum inventa plerumque fovebat.*

8. [1] *In his itaque studiis egregie florentem et iam philosophiam profiteri ac perpetuo in ea persistere meditantem, nuntius de obitu Sylle et frequentes amicorum littere ad rem publicam revocantium excitarunt. [2] Ipse quoque Antiochus gravissimis adhortationibus rem publicam capessere suadebat. [3] Quibus tandem victus cum redire ad civilia certamina statuisset, organum illud rhetoricum, quod per philosophie studia intermiserat, rursus temperare et renovare aggressus, omnes dicendi magistros, qui per id tempus Athenis erant, diligentissime audivit, seque apud illos exercuit. [4] Nec iis contentus in Asiam et Rhodum navigavit, ut clarissimos rhetores qui in iis locis erant conveniret. In Asia itaque Xenoclem adramantinum, Dionysium magnesium et Menippum carem; in Rhodo Apollonium Molonis clarissimum dicendi magistrum et Possidonium philosophum audivit. [5] Per tot ille viros, tam longa itinera, tam varias regiones, tanto exercitio, tanta cura, tantis laboribus eloquentiam persecutus est; et tamen sibi ipsi interdum non satisfacere in ea arte fatetur. [6] At nostre etatis homines si semel*

libellos legerint, si iterum ac rursus pulpitum ascenderint, oratoriam facultatem se possidere arbitrantur.

9. [1] *Fertur Apollonii insigne illud ac memorabile de Tullio iudicium. Nam cum Rhodum advenisset, ac rogatu Apollonii, quoniam <hic> latine nesciret, grece declamasset, ceteris qui aderant in stuporem tante eloquentie adductis certatim eum laudantibus, Apollonius ipse nec eo dicente signum aliquod letitie pre se tulit, nec perorata causa utique laudavit, sed diu secum tacitus perstitit.* [2] *Cum itaque, ut par erat, omnes Apollonium intuerentur ac iudicium eius expectarent, tandem rupto silentio sic inquit: Ego te laudo equidem et admiror, Cicero; quod autem te dicente, causa etiam perorata, diutius tacuerim, dolor et commiseratio quedam effecit. Repetebam namque ipse mecum tempora superiora, et armis et gubernatione rerum publicarum et institutis domesticis Grecos pre ceteris nationibus floruisse: quibus in rebus nobis Romani palmam iampridem vera et incredibili virtute superantes confessione omnium abstulerunt.* [3] *Reliqua una ac sola supererat doctrine et eloquentie gloria, quam et ipsam per te nobis auferri et ad Romanos transferri video, ut nihil iam precipue laudis apud nostros relinquatur".* [4] *Hec Apollonius graviter simul divineque locutus est. Sic enim re vera fuit.*

10. [1] *Ceterum cum peractis studiis in Italiam rediens ingenti spe plenus ad rem publicam properaret, oraculo Apollinis delphici pene aversus est.* [2] *Consulenti siquidem quemadmodum maximam sibi gloriam pararet, respondit si naturam suam, non opinionem multitudinis, ducem vite sequeretur.* [3] *Quod ille reputans, per prima sui reditus tempora valde pigre et diffidenter rem publicam attingebat, et magistratus sibi commissos quodammodo horrere formidareque videbatur. Grecum denique et scholasticum, ut vulgo solet, plerique vocitabant.* [4] *Cum tamen cupiditate honoris et ipse per se natura ardens et a parente amicisque incensus causis orandis animum appulisset, non gradatim ut ceteri, sed repente omnibus qui in foro versabantur post se relictis ad fastigium evasit.* [5] *In actione tamen non minus quam Demosthenes laborasse fertur, donec per Roscium comediarium et Esopum tragediarum actores, prebita illis diligenter opera, vocem et gestum corporis emendavit.*

11. [1] *Questor inde factus et Siciliam sortitus summa cum integritate et diligentia magistratum gessit, provincialibus gratus, civibus romanis qui in Sicilia negotiabantur benignus, erga omnes comis et iustus.* [2] *Romam vero, per id tempus penuria rei frumentarie laborantem, tantum frumenti transmisit, ut caritatem annonae sua diligentia sublevaret.* [3] *Excogitati erant a Siculis in memoriam eius questure honores quidam novi. Itaque et conscientia benefactorum et secundo favore rerum suarum tanta spe plenus e provincia discedebat, ut putaret apud populum romanum nulla de re magis quam de questura sua sermonem haberi et iam omnes magistratus sibi ultro conferri.* [4] *Qua de re quam se ipse falleret mox intellexit per ea que sibi paulo post ridicula evenerunt.*

12. [1] *Nam cum Sicilia discedens Puteolos venisset, audivit esse multos cives romanos qui lavandi gratia in ea loca convenerant, a quibus pro illa transmissione frumentaria et sublevata penuria populi romani ceteraque sue questure fama, ita se receptum iri*

existimavit, ut omnes sibi gratulabundi occurrerent. [2] Egressus itaque navi et circa balnea profectus, cives in corona stantes colloquentesque offendit. Illi statim in eum utpote tunc primum venientem conversi, quesiverunt qua die Roma exisset et numquid ibi esset novi. [3] Ad hec indignans, cum non ex urbe sed ex provincia sua venire respondisset, quidam ex iis qui aderant, An nescitis, inquit, istum iam annum in Africa questorem fuisse?”. [4] Hec ab initio eum turbarant vehementer: postea vero se ipsum ridens quod spem in beneficiis vulgo collatis posuisset, stomachari destitit, et unum se fecit ex iis qui ad balnea venissent. [5] Ceterum animadvertens hoc habere populorum naturam ut presentia quidem acriter intueantur, absentia vero non multum discernant, statuit de cetero in oculis populi romani vivere, externos autem magistratus ut minus efficaces ad gloriam obmittere.

13. [1] *Hinc itaque robustius ad rem publicam versus turpe quidem existimavit si opifices ipsi nomina et vim instrumentorum omnium, quibus in officina utuntur, cognoscerent, ipse autem nomina et res civium suorum, quibus tanquam instrumentis quotidie uti habebat, ignoraret. [2] Itaque et homines et familias et propinquitates et clientelas, mores denique et vitam uniuscuiusque curiosissime didicit: nec erat ulla Italiae via, de qua non facile referre posset, cuius ville, cuius agri, cuius clientele per eam essent.*

14. [1] *Mortuo patre domum paternam Q. Ciceroni fratri concessit, ipse quo facilius aditus ad eum foret circa Palatium habitavit. [2] Adeuntium sane multitudo tanta erat, ut non plures Crassum pro divitiis aut Pompeium pro summa potentia frequentarent. [3] Circa valetudinem curandam ita diligentissimus fuit, ut non solum interoallis horarum, verum etiam deambulationibus enumeratis passibus uteretur. [4] Raro ante occasum solis discumbebat nec id ob occupationes negotiorum tantum, quantum ob stomachi cruditatem. Per hunc modum habitudinem domans ad multos et magnos labores sufficiens corpus effecit. [5] Edilis inde factus, et mox post edilitatem preturam petens, omnium competitorum – et erant quidem multi ac magni viri – primus suffragiis populi romani pretor creatus est; [6] cumque urbana sibi obvenisset, ius dixit summa diligentia nec minori integritate, ita ut nec timore cuiusquam neque gratia flecteretur.*

2.2 Tradução

Cícero Novo

Vida de Cícero

4. [1] A família dos Túlios, que posteriormente recebeu também o cognome Cícero, teve origem no município de Arpino;¹⁸ segundo uma crença bem

¹⁸ Município volsco localizado no vale do Lírís, a cerca de 120 km a sudeste de Roma, que gozava de cidadania romana plena desde 188.

estabelecida, remetia os primórdios de sua linhagem a Túlio, rei dos volscos.¹⁹ [2] Porém, mesmo oriunda de reis, visto que as questões humanas são fugidias e frágeis,²⁰ com o passar do tempo o nome perdeu sua distinção, parecendo minguar até a obscuridade. Mas não desceu tão fundo que não emergisse acima do vulgo também em Roma, ocupando a posição equestre,²¹ considerada intermediária entre os senadores e a plebe. [3] O primeiro membro da família a ser cognominado Cícero tinha uma protuberância na ponta do nariz semelhante a um grão-de-bico, o que lhe rendeu o cognome, transmitido por ele aos descendentes e aos membros do clã. [4] Foi no seio dessa família, então, que nasceu o orador Cícero; seu pai chamava-se Túlio, sua mãe, Ólbia,²² também ela oriunda de boa família, segundo se relata. Dizem que Cícero nasceu no dia 3 de janeiro, no consulado de Quinto Cepião e Serrano.²³ [5] Não muito tempo depois, sua ama viu uma aparição dizer-lhe que a criança que amamentava seria a grande salvação da República. Embora tal rumor fosse, de início, alvo de desprezo e considerado tolice, Cícero mostrou, posteriormente, que se tratava de um autêntico oráculo.

5. [1] Efetivamente, assim que atingiu a idade apta ao aprendizado, brilhando entre os pares pela grandiosidade de seu talento, conquistou tamanha fama por sua inteligência, que boa parte dos homens importantes, instigados pelos comentários das crianças, chegava a ir ver aquele tal Cícero, de quem tanto haviam ouvido falar. [2] As crianças, por sua vez, o tinham em tanta estima, que algumas das que provinham da nobreza romana, como é notório, foram castigadas pelos pais mais rudes, porque o haviam carregado pelas ruas para homenageá-lo.²⁴

¹⁹ Cf. Bruni *Ep.* 4.7 Mehus, carta em que Bruni se justificava das críticas sofridas pela atribuição de linhagem divina a Cícero.

²⁰ Eco de formulações análogas em Salústio. Cf. *Cat.* 1.4 (*nam divitiarum et formae gloria fluxa atque fragilis est*) e *Jug.* 104.3 (*ignari humanarum rerum, quae fluxae et mobiles semper in advorsa mutantur*). Também o uso do adjetivo *mortalis* como sinônimo de *homo* é salustiano (RAMSEY, 2007, p. 57). Sobre o uso que Bruni faz de Salústio, cf. La Penna (2017 [1968], p. 409–431).

²¹ Cf. Nicolet (1974, p. 1052–1057).

²² O nome da mãe de Cícero, na verdade, era Hélivia. Como bem observa Cook (2013, p. 119, n. 5), tanto Iacopo Angeli como Bruni depararam-se com o termo *óλβίαν* em seus manuscritos problemáticos do original plutarquiano. Angeli entendeu-o como um adjetivo, vertendo por *Ciceronis matrem fuisse locupletem* (a mãe de Cícero era rica”), ao passo que Bruni o interpretou como nome próprio, *Olbia*. O nome correto da mãe de Cícero, acrescentemos, ocorrerá na *Vida* de Sicco Polenton (273.31–32).

²³ O consulado de Quinto Servílio Cepião e Gaio Atílio Serrano corresponde ao ano de 106. Além de Plut. *Cic.* 2.1, Bruni conhecia duas outras fontes para a datação do nascimento de Cícero: Gell. 15.28.3 e Hier. *Chron.* 230F. Poderia confirmá-la em duas cartas de Cícero, *Fam.* 7.5.3 e *Att.* 11.9.3. Quanto ao nome dos cônsules, Bruni parece tê-los tomado ao passo de Gélio, a única das três fontes a mencioná-los.

²⁴ A anedota retrata, em germe, a rivalidade e a inveja da nobreza, que Cícero sofreria posteriormente, em virtude de sua condição de “homem novo”. É de notar que a associação à nobreza romana, ausente no passo paralelo plutarquiano (*Cic.* 2.2), é acréscimo de Bruni, dialogando com outros passos da biografia. Cf. *C.N.* 29.1; 41.1; 64.2.

[3] Foi na poética que sua reputação brilhou primeiro: ainda menino, publicou alguns opúsculos em verso,²⁵ e seu interesse pela poesia e pelos poetas foi mais ardoroso na primeira juventude. [4] Depois, com o passar dos anos, apaixonou-se pela prosa, considerando-a mais ampla, expressiva e adequada à sua natureza. Seguiu os ensinamentos oratórios com extrema avidez, [5] mas era tão apegado aos demais estudos das letras, que não deixava de lado nada que lhe parecesse contribuir para a formação do futuro homem eminente. [6] Completados os estudos juvenis, dedicou-se à filosofia e ao direito civil. Na filosofia, teve como preceptor o acadêmico Fílon, discípulo de Clitarco, que então vivia em Roma;²⁶ no direito civil, foi educado pelo jurisconsulto Múcio Cévola, varão eminentíssimo.²⁷

6. [1] Posteriormente, durante a Guerra Mársica,²⁸ serviu no exército sob o comando de Sula, e teria permanecido em armas por mais tempo, não tivesse, antevendo já então a subversão da ordem pública e o domínio absoluto de Sula, desaprovado sua conduta. [2] Assim, tornando à Urbe, com o término do serviço militar, aguardava discretamente o desenrolar dos acontecimentos, até que, quando Sula já havia tomado o poder, defendeu Sexto Róscio, acusado de parricídio e fortemente acossado pelo próprio Sula, em tribunal.²⁹ [3] Dizem que defendeu essa primeira causa em tribunal público aos vinte e três anos de idade, conforme relata Cornélio Nepos; segundo outros escreveram, porém, tê-lo-ia feito aos vinte e sete anos, embora tivesse defendido uma causa privada um ano antes, a *Defesa de Quíncio*, perante o juiz Galo Aquílio.³⁰ [4] De minha parte, preferiria dar crédito a Cornélio Nepos, por ser ele coevo e, acima de tudo, íntimo de Cícero, a quem observava de perto.³¹

²⁵ Cf. C.N. 55–56.

²⁶ Fílon de Larissa (160–c. 80), o último escolarca da Academia, transferiu-se de Atenas para Roma em 88, em razão da Primeira Guerra Mitridática. Cícero acompanhou suas aulas de filosofia e de retórica. Cf. Cic. *de Orat.* 3.109; *Part. Or.* 139; *Brut.* 306; *Orat.* 12.

²⁷ Cícero estudou direito civil, primeiro, com Quinto Múcio Cévola, o Águre; com a morte deste, em 87, passou a acompanhar Quinto Múcio Cévola, o Pontífice. Cf. Cic. *Brut.* 306; *Amic.* 1.

²⁸ Conhecida como *Bellum Sociale*, *Bellum Italicum* ou *Bellum Marsicum*, a guerra contra os aliados itálicos (91–89) aconteceu quando Roma se recusou a conceder a cidadania plena a toda a península.

²⁹ A *Defesa de Sexto Róscio de América*, proferida em 80, quando Cícero contava 26 anos de idade (cf. nota 28), teria sido, segundo *Brut.* 312, o grande divisor de águas da carreira oratória do Arpinate, conferindo-lhe visibilidade e abrindo-lhe portas para a defesa de clientes importantes. Recentemente, Steel (2012, p. 261) contestou essa versão ciceroniana dos fatos, apontando as *Verrinas*, de 70 (ou seja, uma década após a *Rosciana*), como o grande ponto de virada da carreira de Cícero.

³⁰ Primeiro discurso publicado por Cícero, a *Defesa de Quíncio*, uma causa civil, foi defendida em 81.

³¹ Em Gell. 15.28.1–3 [= Nep. fr. 37 Marshall], Bruni encontrara a notícia de que Cornélio Nepos, no primeiro livro de sua *Vida de Cícero*, estabelecera a data de 23 anos para a primeira causa pública de Cícero, a *Defesa de Sexto Róscio de América*. Aulo Gélio corrige o biógrafo, defendendo a idade de 27 anos, não sem antes reconhecer seu rigor histórico e sua proximidade com Cícero. Bruni, por sua vez, serve-se dessa segunda ressalva para justificar a escolha da datação de Nepos. Dyck (2010, p. 4; 75) propõe o começo de 80 como a data mais provável do processo e, portanto, a idade de 26 anos para

7. [1] Em seguida, com medo de Sula, que sabia ter ofendido na *Defesa de Róscio*, partiu para a Grécia, dissimulando o motivo sob o pretexto de uma viagem para tratar da saúde.³² [2] A ocasião parecia oportuna, porque tinha a saúde frágil e debilitada em razão de seu estômago delicado, que só aceitava pequenas porções de comida, e tarde, ainda por cima. [3] Assim, quando chegou a Atenas, dedicou-se aos mestres de educação física e aos professores dos ginásios, reconquistando o vigor e a saúde de seu corpo. Mesmo a voz, que antes era bastante rouca, ele corrigiu, tornando-a suave e harmoniosa. [4] Ali, lançando-se com mais ardor ainda aos estudos, seguiu as lições de Antíoco de Ascalão, atraído por sua copiosidade e graça ao discursar, pois de forma alguma aprovava as inovações intentadas pelo filósofo, visto que Antíoco acabara de abandonar a Academia e passara a endossar sobretudo os argumentos dos estoicos.³³

8. [1] Assim, quando mostrava um brilho extraordinário em tais estudos e já cogitava dedicar-se à filosofia, permanecendo indefinidamente em tal ocupação, animou-se com o anúncio da morte de Sula e as frequentes cartas dos amigos, que o chamavam de volta à vida pública. [2] O próprio Antíoco também o aconselhava a dedicar-se à vida pública, com sérias exortações. [3] Por fim, convencido por tudo isso e decidido a voltar aos embates civis, voltou a mesclar e renovar aquele instrumental retórico, que interrompera por conta dos estudos de filosofia, acompanhando atentamente as lições de todos os mestres de oratória que havia em Atenas na época e praticando com eles.³⁴ [4] Não se contentando com isso,³⁵ singrou para a Ásia e Rodes, para encontrar os mais ilustres rétores locais. Na Ásia, seguiu as lições de Xênocles de Adramita, Dionísio da Magnésia e Menipo da Cária; em Rodes, de Apolônio Mólón, ilustríssimo mestre de oratória, e do filósofo Posidônio. [5] Mesmo recorrendo a tantos mestres, tão longas viagens, tão variadas terras, tamanho exercício, tamanho zelo, tamanhos

o Arpinate, na ocasião (idade confirmada por Quint. *Inst.* 12.6.4). Polenton (277.10–278.3) pesa um número maior de fontes (inclusive Ascônio, ainda inacessível a Bruni) e tende para a idade correta de 26 anos, embora se abstenha de um parecer decisivo.

³² Bruni segue aqui o relato plutarquiano, mas Cícero, no *Bruto* (314), escrito quase quatro décadas depois da viagem, refere apenas a saúde frágil como motivo para o seu retiro de dois anos. Quintiliano, em *Inst.* 12.6.7, parece aceitar a versão ciceroniana. Para Mitchell (1979, p. 93, n. 1), dois fatores são decisivos para descartar a hipótese de Plutarco/Bruni: 1) Cícero defendeu vários outros casos antes de sua viagem, e em pelo menos um deles, a *Defesa da mulher de Arécio*, correndo risco de ofender Sula; e 2) Cícero partiu apenas no ano seguinte, em 79. Polenton (278.32–279.32) segue a autoridade de Cícero contra a versão de Plutarco/Bruni, chegando a observar que, entre a *Defesa de Sexto Róscio* e a viagem para a Grécia, o Arpinate teve uma atuação gloriosa no fórum.

³³ Em *Brut.* 315, Cícero observa que, em Atenas, acompanhara as lições de Antíoco durante seis meses, mas, ao contrário da versão de Plutarco/Bruni, não restringe seu interesse ao modo de discursar do filósofo, afirmando, antes, que renovou seus estudos filosóficos, jamais interrompidos desde a época de menino, com aquele mestre que era uma suma autoridade no assunto (*summo auctore et doctore*).

³⁴ Hipérbole de Bruni: se, por um lado, Plutarco fala de rétores renomados” (*Cic.* 4.4: τοὺς ἐπαινουμένους...ῥήτορας), Cícero, em *Brut.* 315, menciona apenas um mestre de retórica para o período ateniense: Demétrio da Síria.

³⁵ Bruni usa a mesma expressão de Cícero, em *Brut.* 316: *Quibus non contentus Rhodum veni* (não me contentando com isso, fui para Rodes”).

esforços para atingir a eloquência, ele reconhece que por vezes não se sente satisfeito consigo mesmo, nesse domínio. [6] Mas nossos contemporâneos, basta que tenham lido livros em alguma ocasião, basta que vez ou outra tenham subido ao púlpito, e já creem dominar a faculdade oratória.

9. [1] Conta-se um extraordinário e memorável juízo crítico de Apolônio sobre Cícero. Quando este chegou a Rodes e, a pedido de Apolônio, que não sabia latim, começou a declamar em grego, os demais presentes, diante de tão grande eloquência, ficaram estupefatos e puseram-se a disputar quem o elogiava mais. Já Apolônio, enquanto ele discursava, não deu nenhum sinal de contentamento, nem lhe fez um elogio sequer depois que perorara sua causa, mas ficou muito tempo calado, imerso em seus pensamentos. [2] Quando todos, então, como era natural, voltaram-se para Apolônio, aguardando sua opinião sobre ele, rompeu enfim o silêncio e disse: “De minha parte, eu o louvo e admiro, Cícero. O fato de permanecer o tempo todo calado enquanto discursava, e mesmo depois que perorara, foi fruto da dor e da pena que senti. É que rememorava, em meu íntimo, os tempos idos, em que os gregos, em virtude de seus exércitos, de sua condução dos assuntos públicos e de suas instituições domésticas, eram muito mais prósperos que os outros povos. Em tais aspectos, já há muito, como é consenso geral, os romanos nos tomaram a palma da vitória, superando-nos com sua bravura autêntica e extraordinária. [3] Restava-nos apenas e tão somente a glória da educação e da eloquência, que agora o vejo tomar de nós e levar para os romanos, não nos deixando mais nenhum mérito particular.” [4] Apolônio disse tais palavras de maneira a um só tempo séria e divina. E foi assim que realmente se passou.

10. [1] De resto, depois de completar seus estudos, na pressa de tornar à Itália, tomado que estava de enormes esperanças em relação à vida pública, por pouco não se deixou desviar pelo Oráculo de Apolo, em Delfos, [2] se é verdade que, em resposta à sua consulta sobre como conquistar a maior glória, ele teria respondido que o modo era se deixar guiar, na vida, pela própria natureza, não pela opinião da maioria. [3] Refletindo sobre isso, seus contatos com a vida pública, nos primeiros momentos de seu retorno, foram marcados por bastante hesitação e desconfiança, e ele parecia sentir uma espécie de horror e apreensão pelas magistraturas que lhe eram conferidas. Boa parte das pessoas, como costuma acontecer, chamava-no “grego” e “erudito”. [4] Mas depois que, ardendo, por sua própria natureza, de desejo de honrarias e incentivado pelo pai e pelos amigos, começou a se concentrar na defesa de causas, atingiu o ápice não gradualmente, como os demais, mas de imediato, deixando para trás todos os que frequentavam o fórum. [5] Diz-se que, no campo da atuação,³⁶ esforçou-se

³⁶ A *actio* (atuação, ação ou mesmo *performance*, em português) era a quinta parte da retórica. Seu domínio envolvia o controle da voz, dos gestos, dos movimentos e das expressões faciais.

tanto quanto Demóstenes, até conseguir, com o auxílio de Róscio, ator de comédias, e Esopo, de tragédias, que estudara atentamente, corrigir sua voz e gesticulação.

11. [1] Eleito questor, em seguida, e designado para a Sicília em sorteio,³⁷ exerceu sua magistratura com extrema integridade e zelo, satisfazendo os provincianos, demonstrando benevolência para com os cidadãos romanos que operavam na Sicília, mostrando-se afável e justo com todos.³⁸ [2] Quanto a Roma, que padecia, naquele momento, pela escassez de grãos, Cícero enviou para lá tamanho suprimento, que pôs fim, com seu empenho, à falta de provisões.³⁹ [3] Os sicilianos criaram algumas honrarias novas, em memória de sua questura. Com isso, fosse pela consciência que tinha dos benefícios prestados, fosse pela acolhida favorável de suas medidas, deixava a província tomado de tamanha esperança, que acreditava que o povo romano não falasse de outra coisa além de sua questura, e que a partir de então seria agraciado, ademais, com todas as magistraturas. [4] Ele logo percebeu o quanto estava enganado a esse respeito, por um incidente cômico que lhe aconteceu pouco tempo depois.⁴⁰

12. [1] Efetivamente, quando deixou a Sicília e chegou a Putéolos, Cícero soube que havia muitos cidadãos romanos reunidos no local, para banhar-se. Acreditava que, com o envio do suprimento de grãos e o fim da escassez que o Povo Romano sofria, para não falar dos demais rumores sobre sua questura, eles viriam recebê-lo em peso, correndo ao seu encontro para congratulá-lo. [2] Assim, depois de desembarcar do navio e dirigir-se aos locais de banho, encontrou seus concidadãos numa roda de conversa. Voltaram-se de imediato para ele, como a alguém que encontrassem pela primeira vez, e perguntaram-lhe em que dia deixara Roma e se havia alguma novidade. [3] Indignando-se com tal recepção e respondendo que não vinha da Urbe, mas de sua província, um dos presentes observou: “Então não sabem que já há um ano esse homem era questor na África?” [4] Num primeiro momento, ficou fortemente abalado com aquela situação. Depois, porém, rindo de si mesmo⁴¹ por ter depositado esperanças em benefícios prestados regularmente, deixou a irritação de lado e uniu-se aos que estavam ali para banhar-se. [5] Ademais, percebendo que uma característica dos povos é observar com atenção o que está presente, mas não enxergar muito bem

³⁷ Cícero exerceu a questura em 75, em Lilibeu (porção ocidental da província da Sicília), servindo ao governador Sexto Peduceu. Cf. *MRR* 2: 98.

³⁸ Paráfrase de *Planc.* 64.

³⁹ Cf. *Planc.* 64; *Verr.* 2.3.182.

⁴⁰ A anedota é contada pelo próprio Cícero em *Planc.* 64–66. Cf. ainda *Ver.* 2.5.35; *Fam.* 2.12.2 (carta a Marco Célio Rufo) e *Plut. Cic.* 6.3–5.

⁴¹ Sobre a capacidade de Cícero de rir de si mesmo, cf. *C.N.* 67.4.

o que está ausente, decidiu viver, a partir dali, à vista do Povo Romano, declinando magistraturas fora de Roma como menos conducentes à glória.⁴²

13. [1] Daí, então, que tenha considerado vergonhoso, ao entrar para a vida pública de maneira mais consistente, que meros artesãos conhecessem o nome e a utilidade de todas as ferramentas que utilizam em suas oficinas, enquanto ele ignorava o nome e os interesses de seus concidadãos, que tinha de usar no dia a dia, como ferramentas. [2] Foi por isso que pôs o máximo cuidado em conhecer a fundo as pessoas, as famílias, os parentescos, as clientelas, os costumes, enfim, a vida de cada um, e não havia uma única estrada pela Itália sobre a qual não pudesse dizer a quem pertenciam as vilas, as terras, as clientelas que abrigava.

14. [1] Com a morte do pai,⁴³ deixou a casa paterna para Quinto Cícero, seu irmão,⁴⁴ passando a morar na região do Palatino, para ficar mais acessível a todos.⁴⁵ [2] Tão grande era a multidão de visitantes, que não ficava atrás da que frequentava Crasso, por sua riqueza, ou Pompeu, por sua enorme influência. [3] Dedicava extrema atenção aos cuidados com a saúde, o que o fazia não apenas respeitar os intervalos das horas, como também contar os passos, em seus passeios. [4] Raramente se deitava antes do pôr do Sol, e isso não apenas pelas atividades que o mantinham ocupado, como também por sofrer de indigestão. Regrado dessa maneira seus hábitos, deixou seu corpo resistente a muitos e grandes esforços. [5] Foi eleito edil em seguida;⁴⁶ pleiteando a pretura logo depois da edilidade, venceu a eleição para pretor em primeiro lugar na soma dos votos do Povo Romano, superando todos os seus concorrentes – e eram muitos e importantes, por sinal. [6] Como lhe coube a pretura urbana, administrou a justiça com extremo zelo e igual integridade, não se deixando influenciar pelo temor ou influência de quem quer que fosse.⁴⁷

⁴² Cícero seguiria esse princípio nas décadas seguintes, até ver-se obrigado, em 51, a assumir a província da Cilícia, na Ásia Menor, que governaria de julho de 51 a julho de 50. Suas cartas da época reiteram à exaustão a solicitação a diversos senadores para que não permitam a prorrogação de sua magistratura. Cf. referências em Mitchell (1991, p. 218, n. 49 e 50).

⁴³ Cf. *Cic. Att.* 1.6 (de 68): *Pater nobis decessit a. d. VIII Kal. Dec.* [Meu pai faleceu em 24 de novembro.]

⁴⁴ Na verdade, a casa, localizada nas Carinas e contígua ao Templo de Telus, foi cedida a Quinto apenas seis anos depois, no fim de 62, quando Cícero adquiriu a casa de Crasso no Palatino. Cf. *Cic. Har.* 31; *Q. fr.* 2.3.7; 3.1.14; *Plut. Cic.* 8.6; *Platner & Ashby* (1929, p. 176); *LTUR*: 2.204.

⁴⁵ Ao contrário do que afirmam Plutarco (*Cic.* 8.6) e Bruni, a distância entre a casa nas Carinas e a do Palatino era bastante pequena (menos de 500m, se tomarmos como referência o Templo de Telus e o extremo nordeste do Palatino), o que tornava a mudança irrelevante do ponto de vista da acessibilidade dos clientes. Em carta a Ático (1.13.6), Cícero menciona a *dignitas* (prestígio, status) como a motivação da compra de sua nova casa. Cf. *Steel* (2013, p. xv, mapa da Roma republicana) e *Lintott* (2013, p. 145).

⁴⁶ Cícero exerceu a edilidade em 69. Cf. *MRR* 2: 132.

⁴⁷ Como pretor, em 66, Cícero ficara encarregado do tribunal de extorsão (*quaestio de repetundis*). Cf. *MRR* 2: 152.

REFERÊNCIAS

BERNARD-PRADELLE, Laurence (ed.). **Histoire, éloquence et poésie à Florence au début du Quattrocento**. Vol. 118. Textes de la Renaissance. Paris: Honoré Champion Éditions, 2008.

[MRR 2] BROUGHTON, Thomas Robert Shannon. **The Magistrates of the Roman Republic**. Suppl. (1960). v. 2. American Philological Association, 1960.

COOK, Brad L. Plutarch, Cicero, and Leonardo Bruni's *Cicero novus*. In: Pace, G. & Cacciatore, P.V. (eds.). **Gli scritti di Plutarco: tradizione, traduzione, ricezione, commento**. Napoli: M. D'Auria, 2013, pp. 119–125.

DYCK, Andrew R. (ed.) **Cicero: Pro Sexto Roscio**. Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FRYDE, Edmund B. **Humanism and Renaissance Historiography**. Vol. 21. London: The Hambledon Press, 1983.

IANZITI, Gary. **Writing History in Renaissance Italy**. I Tatti Studies in Italian Renaissance History. Cambridge e London: Harvard University Press, 2012.

LA PENNA, Antonio. **Sallustio e la “rivoluzione romana”**. 2ª ed. Milano-Torino: Bruno Mondadori, 2017 [1968].

LINTOTT, Andrew. **Plutarch: Demosthenes and Cicero**. Clarendon Ancient History Series. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MEHUS, Lorenzo. (ed.) **Leonardi Bruni Arretini Epistolarum Libri VIII**. Florentiae: Ex Typographia Bernardi Paperinii, 1741.

MITCHELL, Thoman N. **Cicero: The Ascending Years**. New Haven e London: Yale University Press, 1979.

MITCHELL, Thoman N. **Cicero: The Senior Statesman**. New Haven e London: Yale University Press, 1991.

NICOLET, Claude. **L'Ordre équestre à l'époque républicaine: (312-43 av. J.-C.)** Bibliothèque des écoles françaises d'Athènes et de Rome. Paris: E. de Bocard, 1974.

PLATNER, Samuel Ball & ASHBY, Thomas. **A Topographical Dictionary of Ancient Rome**. London: Oxford University Press, 1929.

RAMSEY, John T. *Sallust s Bellum Catilinae*. Society for Classical Studies Texts & Commentaries. New York: Oxford University Press, 2007.

STEEL, Catherine. Cicero's autobiography: narratives of success in the pre-consular orations. *Cahiers du Centre Gustave Glotz*, 2012, pp. 251–266.

STEEL, Catherine (ed.). **The Cambridge Companion to Cicero**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

[LTUR] STEINBY, Eva Margareta (ed.). *Lexicon Topographicum Urbis Romae*. Roma: Edizioni Qua-sar, 1993–2000.

VÁRZEAS, Marta (trad.). **Plutarco. Vidas paralelas: Demóstenes e Cícero**. Autores Gregos e Latinos-Textos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012 (2ª edição).

VITI, Paolo (ed.). **Leonardo Bruni. Opere letterarie e politiche**. Classici. UTET, 2013.

Data de envio: 14/07/2022
Data de aprovação: 17/10/2022
Data de publicação: 31/10/2022